

CONTROLLO

CONTROLLO

CONTROLLO

nc. 86/365 50113

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

1594976
PAR1233357

"Chi non risica non
victica."

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

QUEM NÃO SE ARRISCA,
NÃO GANHA.

DRAMA EM MUSICA

D E

GENERALI,

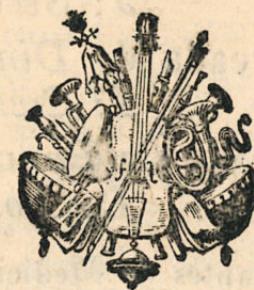
PARA SE REPRESENTAR

N O

REAL THEATRO DE S. JOÃO

DA CIDADE DO PORTO:

em 14 de Setembro de 1825.



PORTO:

IMPRENSA DO GANDRA. 1825.

Com licença.



DOMO SAN VITALE
PARMA

PERSONAGENS.

PANCACIO, Medico, e Tutor amante não correspondido de

P: Boscoli.

ANGELINA, Rapariga desembaraçada, e esperta, amante de

J: Schiroli.

VALERIO, Joven, gastador, e mui vivo, sobrinho de *Pancacio*,

E: Ferrero.

FILISBERTO, Joven Negociante, circumspecto, e amante de

A: Pedrotti.

DINDA, Rapariga tímida, filha de *Pancacio*,

J: Sechioni.

CAROLINA, Creada de *Dinda*,

I: Sechioni.

MASSETO, Creado de *Pancacio*,

L: Foresti.

Coro { Praticantes de Medicina com o Doutor *Pancacio*.
Gente de diversas occupações, que
vem fazer consultas.
Creados.

A Scena se passa em *Florença*.

sc. 86/365

[3]

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

EM Casa do Doutor *Pancacio* estão reunidos os Estudantes, que tendo aprendido Medicina, exercitão a prática debaixo do methodo deste Professor. Varios Doentes vem consulta-los, e recebendo as Receitas, pagão, e se retirão.

SCENA II.

Retirados tambem os Praticantes por verem que não ha mais Consultores, entra *Masseto* que procura *Carolina*, a qual apparece logo, para lhe dizer que avise sua Ama de que o seu Amante *Filisberto* passea no Jardim. *Carolina* reprende *Masseto* de fallar tão alto, com receio de que seja ouvido por *Pancacio*, mas seguros de que elle está fechado no seu Quarto, se tranquilisão, e parte *Carolina* avisar *Dinda*.

SCENA III.

Entra *Dinda*; e fazendo *Carolina* sinal a *Masseto* de que faça entrar *Filis-*

2

[4]

berto, este chega, e desaffogando o sentimento da sua amortecida esperança, são surprehendidos pelos Praticantes. Como porém todos são Amigos de *Filisberto*, o motejão com chufas joviaes, mas promettem guardar segredo, e partem. Continuão os dous Amantes a relatar-se os seus desgostos; e perguntando *Filisberto* a *Dinda* se sabe a razão porque seu Pai o não quer admittir em casa, nem a *Valerio*, ella lhe declara que só a respeito de *Valerio* sabe alguma cousa, pois que tendo *Pancracio* por Pupilla a *Angelina*, e estando namorado della, recea que o Sobrinho, que a encara com bons olhos, a encante, e o deixe em desprezo, tomando por pretexto que *Valerio* he hum pouco livre, e levantado. *Masseto* que escuta esta conversa declara, que a razão porque tambem não quer a *Filisberto* em Casa, he porque tenta casar a ella *Dinda* com o *Marquez Roberto*. Os dous Amantes se promettem reciprocamente toda a oposição a tal projecto, quando sentem rumor que os assusta; mas *Carolina* depois de observar o que seja, descobre que he *Angelina* que anda esperando o seu querido *Valerio*. *Masseto* se mostra tranquillo porque sabe que o Doutor *Pan-*

[5]

cracio logo que deixa os seus assazeres no quarto, sempre toca a campainha para que vá alguem fechar-lhe a porta. Os dous Amantes se retirão, bem como os Creados.

SCENA IV.

Angelina entra triste queixando-se da sujeição em que a tem o seu tutor. Os Praticantes de Medicina vem ter com ella gracejando da sua melancolia, e a deixão sem poder distrahila de seu desgosto.

SCENA V.

Valerio vem ter com *Angelina* quando ella já cançada de esperar se vai retirando; e desabafando o Amante do desgosto de ser desprezado por seu Tio, que até lhe falta com o necessário, que he obrigado a dar-lhe por arranjos domesticos, lhe declara que a final se resolveo a escrever-lhe huma Carta pedindo-lhe alguma somma por conta da sua herança. Neste instante se ouve huma campainha no quarto de *Pancracio*, e *Valerio* beijando a mão da sua Amada foge precipitado, assim como *Filisberto* que sahe da Salla proxima com *Dinda*, e *Carolina*.

SCENA VI.

Na Salla da Livraria do Doutor Pan-

cracio, cheia de livros, e de bustos dos Medicos affamados da antiguidade, está elle leccionando os seus Discípulos, mas queixa-se de languidez, e distracções, por amor em que se sente arder pela sua pupila *Angelina*; e escarnecido, ás escondidas, pelos seus Alumnos que o deixão, entra *Masseto*, a quem *Pancracio* manda que chame *Angelina*, e depois leve huma Carta a seu Sobrinho *Valerio*, vindo também pelo Correio ver se tem Cartas.

SCENA VII.

Entrando *Angelina*, *Pancracio* todo contente lhe faz ver a Carta que recebeu de *Valerio*, e a resposta que lhe deu. Este discurso he de proposito trazido por *Pancracio*, porque na resposta ao Sobrinho lhe diz, que nada delle alcançará em quanto não concluir o Casamento que tem projectado com a sua pupilla a propria *Angelina*. Ella com muita presença de espirito aprova a resposta, e *Pancracio* fica como fóra de si, por ver que o estratagema de saber os sentimentos de *Angelina* lhe surtio o desejado effeito. Confiado pois *Pancracio* nesta tranquilla apparencia de *Angelina* lhe patentea todos os segredos domesticos da sua Casa, que são casar sua Filha primeiro com o *Marquez Rober-*

to, e depois casarem-se ambos. *Angelina* para tentar os sentimentos de *Pancracio* lhe falla de *Filisberto*, mas o Doutor se mostra repugnante porque aspira a mais do que hum Negociante para sua Filha; e de mais até incumbe *Angelina* de dispor *Dinda* a que se resigne á vontade paterna. Neste momento chega *Dinda*, e *Pancracio* diz a *Angelina*, que para mais liberdade as deixa sós, e escondido observará o resultado da conversa.

SCENA VIII.

Entrando *Dinda*, e ficando só com *Angelina*, esta com affectação jocosa, e contra-scena galante, se exprime em som alto e imperioso d' huma maneira, dando a entender com os olhos, e certas accções que he preciso resignação, e fingimento. Esta Scena mui cómica, em que *Angelina* se finge já Madrasta, *Dinda* ressentida e davidosa, e *Pancracio* illudido com a sagacidade da fingida obediencia aos seus preceitos, termina com satisfação de todos tres, pelos projectos particulares, e desencontrados que cada qual imagina.

SCENA IX.

Entra *Masseto* com as Cartas do Correio, e esperando que *Pancracio* saia do Gabinete onde foi largar o chambre, lhas

entrega. *Pancracio* vai abrindo varias Cartas que são de consultas sobre varias molestias, até que depára com huma de certo seu Amigo de *Trento*, em que lhe dá parte, que hum rico Coronel de Marinha que viaja por causa da sua saude deve vir consulta-lo, e lhe pede por isso que o hospede, e trate como se fosse a elle amigo proprio. Hindo *Masseto* a retirar-se, *Pancracio* lhe pede a chave do Portão, porque desconfia do Sobrinho, e quer dormir tranquillo, e sosegado. *Masseto* a entrega, e se retira a dar parte ás Meninas deste imprevisto contratempo.

SCENA X.

Na Praça da Cidade, onde está situada a Casa *Pancracio*, está *Valerio* em hum Botequim maldizendo a sua sorte pela resposta que teve de seu Tio, especialmente por lhe dizer que está para casar com *Angelina*. Desesperado toma a resolução de querer hir ter com *Pancracio*, mas acha o portão fechado, o que mais o afflige, assim como a *Filiberto* que alli veio ter. *Valerio* porém mostrando-lhe a carta, searma de resolução, e o convida a que o siga, pois hão de saltar o muro do jardim por meio d' huma escada de seda que lhe mostra. Elles partem a pôr imediatamente este plano em execução.

SCENA XI.

A hum Gabinete interior de *Pancracio*, onde estão *Angelina*, *Dinda*, e *Carolina* chegão os dous Amantes com surpreza das suas Amadas, a quem relatão o ardimento que tomáron de subir pelo muro do jardim, em rebendita de se lhe ter fechado o portão. Com receio de serem surprehendidos vai *Carolina* ter sentido, e *Angelina* conta a *Valerio* que em breve hade chegar hum Coronel doente, que vem consultar *Pancracio*. No meio desta conversa volta *Carolina* apressada, dando parte de que ouvio fechar a porta de fóra com cautella, e que recea que seja *Pancracio*. No meio da confusão em que todos ficão, lembra-se *Angelina* de os fazer entrar por huma porta que deita para hum corredor opposto, acompanhados de *Dinda*, com recomendação de não saharem, até que oução o toque da campainha daquelle lado. Dispostas assim as cousas, *Angelina*, se senta a huma mesa com hum livro na mão.

SCENA XII.

Entra *Pancracio* de chambre e barrete seguido de *Masseto* a quem dá a chave para hir abrir o portão, visto que tendo elle chegado a casa de nada se teme.

Trava-se huma conversa entre os dous; e queixando-se *Pancracio* de estar cansado, pede a *Angelina* que antes de ceia toque hum pouco na sua cithara, para passar pelo somno sentado n' huma poltrona. *Angelina* se presta de boa mente a este pequeno incommodo, e consegue adormentar *Pancracio*. Vendo-o a dormir, vai certificar-se se o Portão está com efeito aberto; e voltando, e hindo a lançar a mão á corda da campainha para dar signal aos escondidos, acorda *Pancracio* sobresaltado. *Angelina* não fica menos perturbada, mas se tranquiliza quando *Pancracio* lhe diz, que lhe passou pela imaginação ter-se esquecido de hir a casa do Marquez de *Spolpato*, que está perigosamente enfermo de febre. *Pancracio* chamando por *Masseto*, e não o sentindo responder, vai para puchar pelo cordão da campainha da parte do corredor, apezar de que *Angelina* quer ver se evita este caso, mas afinal não só *Pancracio* pucha por esse cordão, mas tambem pelo da outra parte. Com este inesperado desfecho fica *Angelina* em agitação, porque imagina o que vai succeder.

S C E N A XIII.

Os escondidos abrem mui de mansi-

nho a porta, e apparecem deitando as cabeças de fóra, como quem observa se podem sahir. *Angelina* finge hum grande medo, e começa a gritar que ha Ladrões, ou Almas do outro mundo, e no giro que faz a fugir, apaga as luzes. *Pancracio* que casualmente está á porta da entrada do Gabinete se põe em actitude de embarçar a sahida á quem quer que seja, gritando que não tenha *Angelina* medo, pois ninguem se poderá escapar. *Angelina* que apaga as luzes para dar tempo a que, pelo menos, tornassem todos para traz, capacitada disso, se assenta na poltrona, fingindo-se desmaiada. Não sucedeu porém como *Angelina* pensava: *Valerio*, *Filisberto*, e *Dinda* cuidáron em ver se atinavão com a porta da sahida; mas certificados de que lhes era impossivel sahir, e mesmo tornar para onde estavão, a conselho de *Valerio* que andando ás apalpadas encontrou hum Capote, todos tres se agachão, e com elle ficão cobertos.

S C E N A XIV.

Entra *Masseto* com luz, e depois de *Pancracio* correr todo o Gabinete, tornando a accender as luzes, ouve-se bater á porta com força. *Masseto* vai ver quem he, e volta com *Carolina* a dizer que he

[12]

o Creado do Marquez *Spolpato* que o vem chamar, por se achar seu Amo em pior Estado. *Pancracio* manda chainar os seus Praticantes, e pede a cabelleira.

S C E N A XV.

Entrando os Praticantes, e hindo *Pancracio* a pegar do Capote d'onde o tem, aparecem os tres escondidos, com geral surpreza de todos. *Pancracio* colerico põe fóra *Valerio* e *Filisberto*, e como tem de hir fazer a visita ao Marquez, sahe levando a chave da porta, e promette de apurar a indagaçao quando volte.

Fim do 1.º Acto.

~~~~~  
A C T O   S E G U N D O.

## S C E N A I.

O s Praticantes de Medicina ainda falão na surpreza de que forão testemunhas, e vão cuidar de estudar para a Livraria.

## S C E N A II.

*Pancracio* está intimando a sua filha *Dinda* que deve apromptar-se para hir para hum Convento. *Angelina* depois de entreceder por ella, vendo que he debalde, a anima com contragestos e acções particulares.

[ 13 ]

## S C E N A III.

Entra *Masseto* a dar parte da chegada do Coronel enfermo, o que indispõe *Pancracio* por vir em hora intempestiva, mas em fim o manda entrar.

## S C E N A IV.

*Valerio* disfarçado em Ordenança do Coronel dá parte de que precede seu Amo, para dizer em segredo que o mal que elle soffre, he cahir em flatos quando vê qualquer Mulher, e mesmo quando ouve fallar nellas. *Pancracio* faz retirar sua Filha, e Pupilla, e Creada, as quaes de vez em quando vem escutar a conversa em que os dous ficão.

## S C E N A V.

Ficando ambos sós, *Valerio* continua a pintar-lhe que debalde tem seu Amo procurado remedio em quantos Medicos afiamados tem a Europa. *Pancracio* não despera de lhe dar remedio, muito mais quando sabe que o Coronel he riquissimo, e generoso, e por isso parte a esperá-lo; e as Damas que escutárão esta conversa, se ajustão ahi ver do Terraço a Sce- na que se passa no Jardim.

## S C E N A VI.

*Pancracio* introduz no Jardim a *Filisberto* disfarçado em Coronel; e tratam-

o Creado do Marquez *Spolpato* que o vem chamar, por se achar seu Amo em pior Estado. *Pancracio* manda chamar os seus Praticantes, e pede a cabelleira.

## SCENA XV.

Entrando os Praticantes, e hindo *Pancracio* a pegar do Capote d'onde o tem, aparecem os tres escondidos, com geral surpreza de todos. *Pancracio* colerico põe fóra *Valerio* e *Filisberto*, e como tem de hir fazer a visita ao Marquez, sahe levando a chave da porta, e promette de apurar a indagaçao quando volte.

*Fim do 1.º Acto.*

## ACTO SEGUNDO.

## SCENA I.

Os Praticantes de Medicina ainda fâo na surpreza de que forão testemunhas, e vão cuidar de estudar para a Livraria.

## SCENA II.

*Pancracio* está intimando a sua filha *Dinda* que deve apromptar-se para hir para hum Convento. *Angelina* depois de entreceder por ella, vendo que he debalde, a anima com contragestos e accões particulares.

## SCENA III.

Entra *Masseto* a dar parte da chegada do Coronel enfermo, o que indispõe *Pancracio* por vir em hora intempestiva, mas em fim o manda entrar.

## SCENA IV.

*Valerio* disfarçado em Ordenança do Coronel dá parte de que precede seu Amo, para dizer em segredo que o mal que elle soffre, he cahir em flatos quando vê qualquer Mulher, e mesmo quando ouve fallar nellas. *Pancracio* faz retirar sua Filha, e Pupilla, e Creada, as quaes de vez em quando vem escutar a conversa em que os deus ficão.

## SCENA V.

Ficando ambos sós, *Valerio* continua a pintar-lhe que debalde tem seu Amo procurado remedio em quantos Medicos affamados tem a Europa. *Pancracio* não despera de lhe dar remedio, muito mais quando sabe que o Coronel he riquissimo, e generoso, e por isso parte a esperá-lo; e as Damas que escutárão esta conversa, se ajustão ahi ver do Terraço a Sce- na que se passa no Jardim.

## SCENA VI.

*Pancracio* introduz no Jardim a *Filisberto* disfarçado em Coronel; e tratam-

[ 14 ]

do-se da causa da molestia, *Filisberto* inventa huma historia de ter sido desprezado por huma Amante que preferio hum Bailarino pobre, a elle Amante millionario. *Pancracio* promette cura-lo com hum Elixir particular, mas *Valerio* aconselha em particular o Doutor que seria bom ao dar-lhe a beber o remedio, fazer apparecer alguma mulher da Casa, para ver o effeito. *Pancracio* aprova a lembrança, e vendo a familia de Casa no Terraco manda ao Coronel que beba algumas gotas do Elixir, e ordena á Filha, e Pupilla que cantem alguma cançäosinha. Esta Scena he passada com affectação de *Filisberto* que se finje hir melhorando, e das Damas que se requebrão em allusões aos seus amores. *Pancracio* fica tão contente que manda avisinhar *Angelina*, e *Dinda*. *Filisberto* finge que na aproximação dellas se renova o mal, e muito mais quando *Dinda* lhe dá a mão por conselho do Creado. Finalmente partem todos mui satisfeitos.

S C E N A VII.

Os dous Creados *Masseto*, e *Carolina* fallão do logro que se prega a *Pancracio*, e *Masseto* dá a *Carolina* hum presente de varias moedas que *Filisberto* lhe of-

[ 15 ]

ferece para o segundar nos seus amores.

S C E N A VIII.

*Pancracio* vem tratando com *Angelina* do modo porque em breve hirá sua filha para o Convento, e são interrompidos por *Filisberto*, e *Valerio*: e disposta a conversa sobre o destino que o Pai quer dar a *Dinda*, *Filisberto* pede fallar com ella.

S C E N A IX.

Chama *Pancracio* sua Filha, e *Filisberto* lhe diz que devendo pagar a seu Pai a cura milagrosa que nelle fez, conta que em lhe offerecer a mão de espaco dá provas de ser generoso, e agradecido. Surpreza geral. *Pancracio* aprova, e pede que o Coronel passée hum pouco no jardim e sua Filha se recolha ao quarto em quanto falla em segredo com *Angelina*.

S C E N A X.

*Pancracio* ficando só com *Angelina* lhe pede que consinta em desposar-se com elle, ao mesmo tempo que o Coronel casa com sua Filha; bem como, que affecte algum desprezo para com a sua pessoa, pois que imaginou que por ser velho havia de encontrar alguma repulsa, e quer que a sua imaginação se acalme por julgar ser realidade o que se vai passar em brinco. Galan-

te Scena entre os dous, que se retirão satisfeitos.

S C E N A XI.

*Valerio* aconselha *Masseto* que diga a seu Amo, que para abreviar as cousas he necessario cuidar de fazer as Escripturas, que não vá o Coronel arrepender-se, e que tendo a aprovação de hir chamar o Tabellião lhe vá dar parte.

S C E N A XII.

*Na Galleria* estão todos os Estudantes, a quem *Pancracio* dá parte dos dous Casamentos que naquelle dia se celebrão, porque só se espera hum Tabellião para as Escripturas.

S C E N A U L T I M A.

Entra *Valerio* disfarçado em Tabellião; e presentes todos, se trata de lavrar a Escriptura do Casamento de *Dinda*, e depois a de *Angelina*. *Filisberto* dá a mão de esposo a *Dinda*, e querendo *Pancracio* dar a mão a *Angelina*, *Valerio* se desobre, mostra que a Escriptura assignada he para o casamento delle *Valerio* e de *Angelina*, e por este modo se revella o engano que urdírão os dous Amantes, com sentimento de *Pancracio*, que não tem remedio senão perdoar-lhes, para evitar ainda em cima a mofa dos Praticantes, e do Publico.

